

Cecília Meireles, 2012. *Romanceiro da Inconfidência*. São Paulo: Global Editora.

Extratos

Romance XXIV ou da bandeira da inconfidência

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
- e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigilando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresas,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
E há finas mãos pensativas,
entre galões, sedas, rendas,
e há grossas mãos vigorosas,
de unhas fortes, duras veias,
e há mãos de púlpito e altares,
de Evangelhos, cruzes, bênçãos.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
uns sugerem, uns recusam,
uns ouvem, uns aconselham.

Se a derrama for lançada,
há levante, com certeza.
Corre-se por essas ruas?
Corta-se alguma cabeça?
Do cimo de alguma escada,
profere-se alguma arenga?
Que bandeira se desdobra?
Com que figura ou legenda?
Coisas da Maçonaria,
do Paganismo ou da Igreja?
A Santíssima Trindade?
Um gênio a quebrar algemas?

Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
“Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio...
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
“Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam...
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus - pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
- e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras.
“Que estão fazendo, tão tarde?
Que escrevem, conversam, pensam?
Mostram livros proibidos?
Lêem notícias nas Gazetas?
Terão recebido cartas
de potências estrangeiras?”
(Antiguidades de Nîmes
em Vila Rica suspensas!

Cavalo de La Fayette
saltando vastas fronteiras!
Ó vitórias, festas, flores
das lutas da Independência!
Liberdade - essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!)

E a vizinhança não dorme:
murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Romance XXXVII ou de Maio de 1789

Maio das frias neblinas,
maio das grandes canseiras.
Os coronéis suspirando
à vaga luz das candeias;
os poetas mirando versos
e hipotéticas idéias;
Joaquim Silvério sonhando
dinheiro, mercês, comendas...

Vão cavalos, vêm cavalos,
por cima da Mantiqueira.
Donas espreitando as ruas,
pelas grades de urupema.
Padres escrevendo cartas,
doutores lendo Gazetas...
Uns querendo ouro e diamantes,
outros, liberdade, apenas...

Ó maio dos grandes sustos
por barrancos e ladeiras!
Avisos a toda a pressa!
Dissimulações e senhas.
Soldados, pelos caminhos.
Caras e cartas suspeitas.
Os oratórios dos santos
com altas velas acesas.

Primeiro de Maio

Passou por aqui o Alferes?
Sim, passou, mas já vai longe.
Quem vem agora atrás dele?
Quem voa pelo horizonte?
Dizem que é Joaquim Silvério!
(Maldito seja tal homem:
tem vilania de Judas
com arrogância de Conde.)

Mesmo na Semana Santa,
estive escolhendo os nomes
dos que vão ser perseguidos.
E venceu vales e montes
no encalço de um condenado,
para que de perto o aponte
(e o Tempo, que é só memória,
com sua sombra se assombre).

Nove de Maio

Toda a cidade já sabe
que o Alferes anda fugido.
- No sótão de que sobrado?
Em que fazenda? Em que sítio?
Embarcado em que canoa?
Atravessando que rio?
Por detrás de que montanha?
Por cima de que perigo?

Quebrados anjos de prata
miraram seu rosto aflito:
entre espadins e fivelas,
castiçais e crucifixos,
parou - tristemente humano,
tristemente perseguido.
Tinha o mundo todo na alma
- e mendigava um abrigo!

Dez de maio

Noite escura. Duros passos.
Já se sabe quem foi preso.
Ninguém dorme. Todos falam,

todos se benzem de medo.
Passos da escolta nas ruas
- que grandes passos, no Tempo!
Mas o homem que vão levando
é quase só pensamento:

*- Minas da minha esperança,
Minas do meu desespero!
Agarraram-me os soldados,
como qualquer bandoleiro.
Vim trabalhar para todos,
E abandonado me vejo.
Todos tremem. Todos fogem.
A quem dediquei meu zelo?*

Meados de maio

Furriel, ordenança, alferes,
soldado, porta-estandarte,
quem vai por léguas e léguas
propagando a novidade?
Por onde passa a notícia,
com guardas por toda a parte,
com sentinelas severas
nas saídas da cidade?

Se é fogueira, quem a acende
com tanta fidelidade?
Se é mensageiro, com que ordem,
com que propósito parte?
Por que as Minas estremecem
com dolorosa ansiedade?
- Foi preso um simples Alferes,
que só tinha um bacamarte.

Fim de maio

Andam as quatro comarcas
em grande desassossego:
vão soldados, vêm soldados;
tremem os brancos e os negros.
Se já levaram Gonzaga
e Alvarenga, mais Toledo!
Se a Cláudio mandam recados
para que se esconda a tempo!

Sentam-se na cama, os doentes.
Choram de susto, os meninos.
Mil portadores galopam.
Há mil corações aflitos.
Por aqui brilhava a Arcádia,
com flores, versos, idílios...
(Que querem dizer amores,
aos ouvidos dos meirinhos?)

Romance LIII ou das palavras aéreas

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

Detrás de grossas paredes,
de leve, quem vos desfolha?
Pareceis de tênue seda,
sem peso de ação nem de hora...

- e estais no bico das penas,
- e estais na tinta que as molha,
- e estais nas mãos dos juízes,
- e sois o ferro que arrocha,
- e sois barco para o exílio,
- e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra..

Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

- Acusações, sentinelas;
bacamarte, algema, escolta;
- o olho ardente da perfídia,
a velar, na noite morta;
- a umidade dos presídios,
- a solidão pavorosa;
- duro ferro de perguntas,
com sangue em cada resposta;
- e a sentença que caminha,
- e a esperança que não volta,
- e o coração que vacila,
- e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão, podíeis ter sido!
- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
- sois um homem que se enforca!

Romance LXXVIII ou de um tal Alvarenga

Veio por mar tempestuoso
a residir nestas Minas:
poeta e doutor, manjava
por igual, as Leis e as rimas.
Desposara uma donzela
que era a flor destas campinas.

Andava por suas lavras
- como eram grandes e ricas!
Mas o ouro, que altera os homens,
deixa as vidas intranqüilas,
levava-o por esses montes,
a sonhar por essas Vilas...

Em salas, ruas, caminhos,
foram ficando dispersas
as histórias que sonhava,
- e iam sendo descobertas
as mais longínquas palavras
das suas vagas conversas.

E por inveja e por ódio,
confusão, perversidade,
foi preso e metido em ferros.
Um homem de Leis e de Arte
foi preso só por ter sonhos
acerca da Liberdade.

E sua mulher tão bela,
e sua mulher tão nobre,
Bárbara - que ele dizia
a sua Estrela do Norte,
nem lhe dirigia a vida
nem o salvava da morte.

A morte foi muito longe,
numa negra terra brava,
Tinha tido tal nobreza,
tanto orgulho, tantas lavras!
E agora, do que tivera,
a vida, só, lhe restava.

Assim dele murmuravam
os soldados, no degredo,
sabendo quem dantes fora

e quem ficara, ao ser preso,
- tão tristemente covarde
que só causava desprezo.

Era ele o tal Alvarenga,
que, apagada a glória antiga,
rolava em chãos de masmorra
sua sorte perseguida.
Fechou de saudade os olhos.
Deu tudo, o que tinha: a vida.